

Sumário

Prólogo, 7

Prefácio, 9

1. O mundo, a vida e a dançaterapia, 11

2. Estímulos criativos, 21

3. Não venho ensinar, mas dar, 63

4. Biografia dançada, 81

5. Flexibilidade, 83

6. Testemunhos, 87

7. A música, 111

Epílogo, 115

Prólogo

Todo grande professor deixa uma marca em seus alunos.

A palavra que mais expressa a marca que María deixou e continua deixando dentro de mim é *arte*. *Arte* que me fez crescer, que me leva adiante e faz de mim uma profissional na dançaterapia e na arte de ser mulher.

Isso é o que mais caracteriza o Centro de Dança Movimento e Terapia de Florença (Itália) que dirijo, criado em 1978 por duas grandes pessoas: María Fux e Lilia Bertelli.

María Fux foi e é minha ponte com a arte. Arte vivida na primeira pessoa, como processo criativo que se transforma graças à dança. Dança como poesia do movimento, despida do aspecto utilitário, dança expressiva, que tem um significado profundo na relação com o externo e o interno de meu mundo, e também dança simbólica.

Outros professores me mostraram diferentes metodologias de dançaterapia, mas María me mostrou a *arte*. Com esse presente, permitiu-me dar respostas a meu desejo existencial, emotivo, corporal, espiritual, estético e social. *Arte* que me possibilita ser, também, uma ponte com meus alunos e encontrar respostas.

Como María me transmitiu sua arte? Meu olhar pousa em seu ser genial e ao mesmo tempo imparcial, e se une à sua essência.

Diante dos alunos é esplêndida como artista, e como terapeuta é única; ela abriu as portas na dançaterapia. Mas ao mesmo tempo é como todas nós: não julga, olha as coisas como são, no contexto em que se encontram, convivendo com sua própria sombra.

María valoriza o presente como primeiro e único movimento da existência. Olha a vida com uma estética do movimento, e não como o movimento estético.

Essa é sua arte e essa é minha arte.

Enrica Ignesti
Diretora do Centro Dança Movimento e Terapia
Florença, Itália

Prefácio

É por meio da criação que consigo hoje, aos 85 anos, ir cumprindo etapas de comunicação comigo para que sejam possíveis no outro e mobilizem nele algumas partes desconhecidas para poder exprimir melhor minha experiência.

O livro já está escrito em meu corpo. Acredito que coloquei nele parte de minha maturidade nesta vida em movimento.

Como se faz um prefácio?

Tentarei transmitir todo o meu agradecimento, o que tenho à vida e às pessoas que me rodeiam.

A primeira coisa que me ocorre é um enorme agradecimento a Betina Bensignor que, com paciência e inteligência, recolheu minhas palavras, que estão aqui, escritas para vocês.

A cada uma dessas belas e diferentes pessoas com quem aprendi que dar movimento a seus corpos rígidos é encontrar toda a alegria que me deram e me dão com seus sorrisos e seus movimentos abertos.

Agradeço a todos os meus grupos de dançaterapeutas, os que formei na Argentina, no Brasil e na Itália.

A meu filho, Sergio Aschero, com quem compartilho não apenas sua belíssima música, sempre presente em minha vida e em meus espetáculos, mas também a criatividade, a comunicação, o apoio e, especialmente, o amor.

A Irene, minha neta, que tantas vezes cantou em meus espetáculos e, ao lado de Leila e Melina, minhas bisnetas, encheu minha vida de alegria, doçura e amor.

A tantas pessoas que me viram atuar ou tiveram aulas comigo, muitas delas anônimas, que me presentaram com a possibilidade de dar o melhor de mim e continuar crescendo.

Obrigada.

Capítulo

I

◊ O MUNDO, A VIDA ◊ E A DANÇATERAPIA ◊

Meu desejo é continuar com o *dar*, palavra que é usada frequentemente e, no meu caso, se concretiza ao expressar as experiências vivenciadas na prática da formação de dançaterapeutas.

Quero, sobretudo, que este livro que está nascendo possibilite transmitir em palavras a potência mobilizadora das imagens, dos sons e do silêncio que expressam quem sou e qual é a minha razão, com o movimento.

Estamos em agosto de 2006. O mundo é uma imensidão de forças antagônicas: o fogo arrasador na Galícia queima uma infinidade de árvores onde pássaros, animais terrestres, plantas e vida subterrânea existiam e não existem mais. Árabes e judeus se matam de forma impiedosa. O que acontece com esta civilização que não muda, que não absorve o potencial que há em venerar a vida?

Tudo isso que acontece diariamente repercute em meu encontro com os grupos e o movimento. Em um encontro com a criatividade por meio da expressão do corpo, fazemos vibrar o fogo por meio de imagens, ou a guerra com os tecidos que nos cobrem o rosto e nos transformam em desconhecidos. Tentamos achar um modo de nos encontrar ainda que não consigamos nos ver, para que possamos transmitir uns aos outros a mensagem da importância da paz.

Todos somos feitos da mesma maneira, com células e formas de vida semelhantes, mesmo que sejamos, cada um, únicos e diferentes. Mas essa diferença não consiste em sentir ódio, devemos encontrar o caminho pela paz e transitá-lo com nossas diferenças, ser inclusivos com o diferente, aceitá-lo e valorizá-lo, porque é da diversidade que surge a verdadeira força da humanidade.

Esse é meu pensamento, e produz força em meu corpo, é o que faz parte dos encontros e pode ser o tema central de alguma aula.

Durante esse processo me reencontro com imagens que têm raízes muito antigas que, acredito, transcorrem como fundamentos ou experiências duradouras.

No ano de 1955 fui convidada para ir a um congresso da Juventude pela Paz, em Varsóvia.

Quantos anos se passaram e o que foi feito para que hoje ainda me pergunte: a paz existe?

Depois de 51 anos, em uma civilização computadorizada, tecnologizada com equipamentos cada vez mais complexos e minúsculos que parecem resolver tudo, mas não têm alma, volto a me perguntar: o que acontece conosco?

Não gostaria de deixar de lado o que fiz, mas continuar com o que significa estar presente hoje e agora na formação do dançaterapeuta. Sempre estive preocupada e ocupada na integração de pessoas diferentes e na valorização humana e social que significa não ser notório.

Recentemente realizei espetáculos, entre eles uma biografia dançada com um grupo de 21 pessoas formadas por mim em dançaterapia. O grupo era heterogêneo, integrado por algumas pessoas com dificuldades, entre elas uma pessoa surda, Mónica, que trabalha comigo há 15 anos. Minha proposta sempre foi a de que “o silêncio pode ser dançado”.

No palco, diante do público, me pergunto: “Os ritmos vêm de dentro ou de fora?” Minha resposta, sempre dançando, é saber que tenho memória auditiva, e ainda que pense que estou em silêncio percebo que vozes, lembranças de música, sons do mar, do vento se filtram... Tudo em mim, ouvinte, é a experiência de um silêncio fragmentário que definitivamente não existe.

Quando pergunto a Mónica, em cena, “O que é o seu ritmo?”, ela constrói por meio de seu corpo, em um tempo limitado, diversos ritmos não audíveis e ao mesmo tempo expressivos, para se comunicar através do corpo.

A beleza que se alcança por meio do silêncio real (ela é surda absoluta) é maravilhosa, e sempre me surpreendo diante daquilo que já havia percebido e continuo confirmando: que o silêncio pode ser dançado.

Essa resposta foi dada por Mónica em um teatro de um dos circuitos teatrais mais prestigiados de Buenos Aires, com um público enorme, em um espetáculo no qual ela dançou com um grupo de dançaterapeutas.

Nesse instante em que eu falo do silêncio, se dá a resposta de todos os “Sim, eu posso” presos no corpo de Mónica e do grupo em longos anos de trabalho, de medos, de alegrias, de esforços, em meu estúdio. Sempre promovendo a integração e permanentemente aceitando o que não sei, para encontrar, como neste caso, estas e outras respostas.

A palavra *ensinar* me preocupa porque continuo sustentando que não ensino, mas entrego o que vou descobrindo a partir de meus próprios limites e possibilidades.

Há 60 anos ofereço minha experiência aos outros, e nesse aprendizado observo o que essa entrega me traz.

☺ **Encontros que marcaram meu corpo**

Um encontro maravilhoso aconteceu em Pádua, na Itália, a convite dos padres franciscanos, em Villaggio San Antonio. Ali vivi uma das experiências que marcaram minha vida de maneira inesquecível.

Fui convidada a dar um curso a 80 alunos com diversas dificuldades motoras e mentais. Ao saber de tamanha quantidade de participantes que a proposta indicava, reconsiderarei toda minha forma de encarar o trabalho.

Até aquele momento eu costumava incluir uma ou outra pessoa portadora de algum tipo de dificuldade no grupo, mas naquela ocasião todos os alunos tinham alguma limitação.

É quase óbvio contar que não consegui dormir na noite anterior, que o medo estava presente em todas as imagens e pensamentos que me surgiam. Medo de não saber, de ter assumido algo que ia além de minhas possibilidades.

Aceitei a situação na qual me encontrava e me deixei guiar pela intuição, assim como vinha fazendo nas últimas aulas, já que sempre recorro a ela quando preciso tomar decisões em situações difíceis ou desconhecidas.

No dia seguinte entrei no salão onde a aula se desenvolveria, um espaço extraordinário com 1.700 pinturas nos tetos e paredes.

Para começar o trabalho, dividi as pessoas em dois grupos, com os quais trabalhei separadamente, em companhia de três padres religiosos, que eram seus educadores e participaram da experiência.